

VÍTOR RUA
PREFÁCIO

EU SOU TU. A TARTARUGA E O FLAUTISTA

Não é necessário estarmos horas consecutivas a ouvir um rouxinol cantar para nos encantarmos com a beleza do seu canto: um chilrear isolado é suficiente; uns segundos a escutar o som das cigarras é o bastante para nos deleitarmos com tão requintada textura, com tal arquitetura do silêncio. Alguns instantes a ouvir as ondas do mar são relaxantes, causam a ataraxia.

Eu sou tu. Experiências ecocríticas é um livro que se debruça sobre “experiências ecocríticas” isoladas. Cada “eco” é autossuficiente, independente dos outros. Imaginem um livro que não tem início – que apenas comece e que não tenha um final – um livro que somente pare e fique suspenso fluando num tempo presente, sem clímax, sem qualquer intenção de atingir um fim.... Imaginem um livro que não crie expectativas, sem um movimento ou uma direção definida. Agora, na sua imaginação, está um livro onde os eventos da escrita existem por eles mesmos em vez de participarem em qualquer progressão. Esta obra tem como objetivo o suceder-se. A cada um “módulo eco” acrescenta-se outro, depois outro e ainda outro e assim continuamente, sem haver qualquer relação aparente entre eles, exceto a de querer o puro encanto de construir dentro de um encadeamento literário abstrato. Se os eventos literários num determinado livro se “colam” uns aos outros numa ordem em particular, então é porque essa ordem teria obviamente de influenciar ou mesmo de constituir o sentido da própria obra: aqui, as abstrações poéticas movem-se, criam o tempo, tornam-no audível e visível, estão numa nova dimensão, dentro do fluir eterno do tempo sem tempo e do espaço sem espaço!

O “tempo” em *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* é um “tempo virtual”.

Por contraste à sequência de acontecimentos atuais e concretos, este livro vem de um tempo absoluto. Assim, o “tempo” torna-se o componente essencial para a compreensão deste livro e o veículo pelo qual a ação criadora da escrita faz um contacto profundo com o espírito humano. Por conseguinte, os eventos literários que formam esta obra tornam-se num fluxo. O “tempo” e a escrita transformam-se numa série encadeada de eventos que contêm em si não só o próprio “tempo” como também o “modelam” e cinzelam lentamente burilando-o no presente. Este livro deve ser entendido como uma sucessão viva de “momentos”, sem direção ou movimento definidos.

Mas será realmente que podemos falar de “movimento” em literatura? Não será isso apenas uma metáfora?

A única coisa que realmente se “move” é a vibração dos próprios corpos, é a vibração das moléculas de som que chegam até aos nossos ouvidos...

Da vibração do som iremos agora passar à vibração da luz, mais propriamente ao reverberar da cor.

Certo imperador, na Antiga China, soube da existência de um excelente pintor chinês e logo quis ter uma pintura dele. Assim, foi a casa do pintor e pediu-lhe uma pintura de uma tartaruga, ao que o pintor respondeu: “para tal preciso de três anos, de ouro, de mulheres e boa comida!”.

O imperador acedeu.

Passados três anos o imperador foi a casa do pintor ver a sua pintura.

Chegado lá o pintor disse-lhe que ainda não tinha o quadro e que precisava de mais três anos, mais ouro, mais mulheres e mais comida.

O imperador, irritado, disse-lhe: “dou-te isso tudo, mas se daqui a três anos não tiver o quadro, serás morto”.

Passados os três anos, lá voltou o imperador a casa do pintor.

Chegado lá viu uma tela em branco.

Perplexo, perguntou zangado ao pintor: “a minha tartaruga?”.

E o pintor pegou no pincel e de um traço só desenhou a mais bela tartaruga que alguém alguma vez tinha visto.

Admirado, pergunta-lhe então o imperador: “se fizeste essa pintura em segundos, porque é que me pediste seis anos para a desenhares?”.

Ao que o pintor respondeu ao imperador: “porque primeiro precisava de saber o que era uma tartaruga”.

Em *Eu sou tu. Experiências ecocríticas*, precisou-se primeiro de saber o que era uma eco(socio)logia da individuação, para depois se conceber o mais belo livro escrito sobre esta matéria.

Mas existe ainda uma outra estória, desta feita japonesa, que conta o seguinte: há muito, muito tempo atrás, num templo budista japonês, todos os anos era organizado um concerto de música para flauta. Num desses anos, foi convidado a tocar um mestre flautista de uma província longínqua que tinha inventado uma nova flauta e uma nova técnica de tocar.

Um a um, os flautistas foram dando o seu concerto até chegar a vez desse mestre. Ele tocou a mais bela melodia que alguém já tinha escutado. No final fez-se silêncio e ouviu-se a voz do monge ancião: “Deus falou!”.

No dia seguinte, os monges reuniram-se para decidirem que aluno iriam enviar para aprender essa nova técnica com esse mestre e escolheram um jovem virtuoso, pois assim ele teria mais tempo para aprender com o mestre. Partiram os dois para a província do mestre flautista.

Na primeira aula o mestre deu ao discípulo uma melodia muito simples para ele aprender e tocar. O aluno esteve um dia inteiro a praticar.

No dia seguinte, foi a casa do mestre e tocou-lhe a música.

O mestre disse: “falta-lhe algo”.

O aluno regressou a sua casa e, desta vez, praticou durante uma semana inteira.

De novo foi a casa do mestre e voltou a tocar a peça.

O mestre disse-lhe: “falta-lhe algo”.

O pobre jovem ficou muito triste consigo próprio. Não estava a conseguir realizar o que lhe tinha sido pedido. Voltou a praticar, mas desta vez durante um mês inteiro quase sem dormir.

Algum tempo depois, foi a casa do mestre e voltou a tocar-lhe a melodia.

De novo o mestre lhe disse: “falta-lhe algo”.

Aí, o aluno desesperou, meteu-se no saquê e tornou-se num bêbado e num vagabundo. Tinha perdido a “face”.

Quando anos mais tarde regressou à sua aldeia, foi viver afastado de tudo e de todos no cimo de uma montanha e lá ficou isolado do contacto humano, envergonhado.

Certo ano em que se ia organizar mais um concerto, um monge idoso recordou que ali na montanha vivia um flautista virtuoso e pediu para o irem convidar. Este, não tendo nada a perder, aceitou quase instintivamente o pedido e, pegando na primeira flauta que apanhou, partiu para o templo.

Chegado lá, ficou atrás do palco em silêncio sem falar com ninguém. Ninguém ousou também falar com ele.

Um a um, os flautistas foram dando os seus concertos, até que chegou a sua vez.

Ao subir para o palco, reparou que com a pressa tinha pegado na flauta nova que o mestre lhe tinha oferecido, aquela que ele nunca tinha tocado antes. Pegou na flauta e tocou a melodia que o mestre lhe tinha ensinado. No final, fez-se um silêncio e o monge mais ancião disse: “Deus falou”.

Em *Eu sou tu. Experiências ecocríticas*, após longos e árduos trabalhos, Deus falou!

Citação:

Rua, V. (2020). Eu sou tu. A tartaruga e o flautista. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 5-8). Braga: CECS.